

CONTEXTOS DE VULNERABILIDADES À VIOLÊNCIA CONFIGURADOS NO CAMPO DE TRABALHO DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO

Isabel Cristiane de Noronha¹; Ana Rosa Ribeiro Elias²; Marcelle Aparecida de Barros Junqueira³

¹Acadêmico Mestranda em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador do Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Enfermeira. E-mail: isabelnoronha@outlook.com; ²Mestre em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador UFU. Enfermeira Gerente UBSF Jardim Brasília 1. E-mail: anarosarelias@gmail.com; ³Doutora em Ciências. Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina (FAMED) e do Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador do Instituto de Geografia (IG) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Enfermeira. E-mail: marcebarros@yahoo.com.br.

Introdução: Ao falar sobre prostituição, ao que parece, possuímos categorias explicativas prontas que dão conta do fenômeno, o que apenas o simplifica ou, o que é pior, o aprisiona em amarras sociais, políticas e morais que impedem uma compreensão correta dessa atividade. A prostituta, na sua condição de mulher, não escapa ao contexto de violência historicamente construído. No entanto, dada à concepção da sociedade de que a atividade que ela exerce é não só ilícita mas também moralmente reprovável, a expõe a uma violência ainda maior, nos ambientes em que exerce sua atividade. **Objetivo:** analisar as vulnerabilidades do contexto de trabalho, experimentadas por mulheres profissionais do sexo, no que diz respeito às violências sofridas no ambiente de trabalho. **Método:** O estudo constituiu-se de uma pesquisa de campo descritiva, por meio de uma abordagem quanti- qualitativa e realizada com 158 mulheres profissionais do sexo no Município de Uberlândia (MG). Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado e entrevistas audiogravadas. Os dados foram analisados pela estatística descritiva, pelo referencial metodológico de análise de conteúdo temática e referencial teórico de vulnerabilidade de Ayres. **Resultados:** Evidenciou-se que das mulheres profissionais do sexo participantes, a maioria relatou não ter sofrido nenhum tipo de violência, embora 34% tenham sido vitimadas. Destas, 85,2% alegam ter sofrido violência verbal, física (33%) e sexual (7,4%). Dentre os fatores associados, a sujeição de violência e o chefe como perpetrador, estão o grau de escolaridade ($p=0,022$; $p=0,048$), enquanto que a raça/cor esteve associada à violência física ($p=0,023$). Os componentes da vulnerabilidade social foram caracterizados pela violência de gênero, quebras na relação com clientes, práticas sexuais não acordadas e ambiente de risco. A vulnerabilidade individual foi compreendida por aspectos emocionais, cognitivos, comportamentais e percepção de risco frente às situações do ambiente de trabalho. Já a vulnerabilidade programática foi identificada nas situações de acesso aos dispositivos de saúde (programas de prevenção DST/AIDS) e serviços de segurança. **Conclusão:** Verificou-se que essas profissionais do sexo estão inseridas em contextos de vulnerabilidades, traduzidos em diversas formas de violência e perpetradores, e implicados em dimensões sociais, individuais e programáticas. Considerar a integralidade do cuidado nos elementos de vulnerabilidade para tratar as relações no exercício da prostituição exige um esforço como rompimento do que historicamente foi estabelecido, mas é base potencialmente transformadora para o cuidado ampliado e humanizado.

Palavras-chave: Vulnerabilidade em Saúde; Violência; Profissionais do Sexo

Conflito de interesses: Não há conflito de interesses envolvendo o resumo do presente trabalho acadêmico.

Referências: BRASIL. Ministério da Saúde - Coordenação Nacional de DST e aids (Brasil). Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids. Série Manuais nº47. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.